

Página  
TRÊS

**Órfãos de pais vivos.** Juíza da Vara da Infância de Vila Velha classifica situação como “desesperadora” e afirma que, se nada for feito de imediato, haverá “gerações perdidas”

# Abrigos infantis lotados. E a culpa é do crack

EDSON CHAGAS

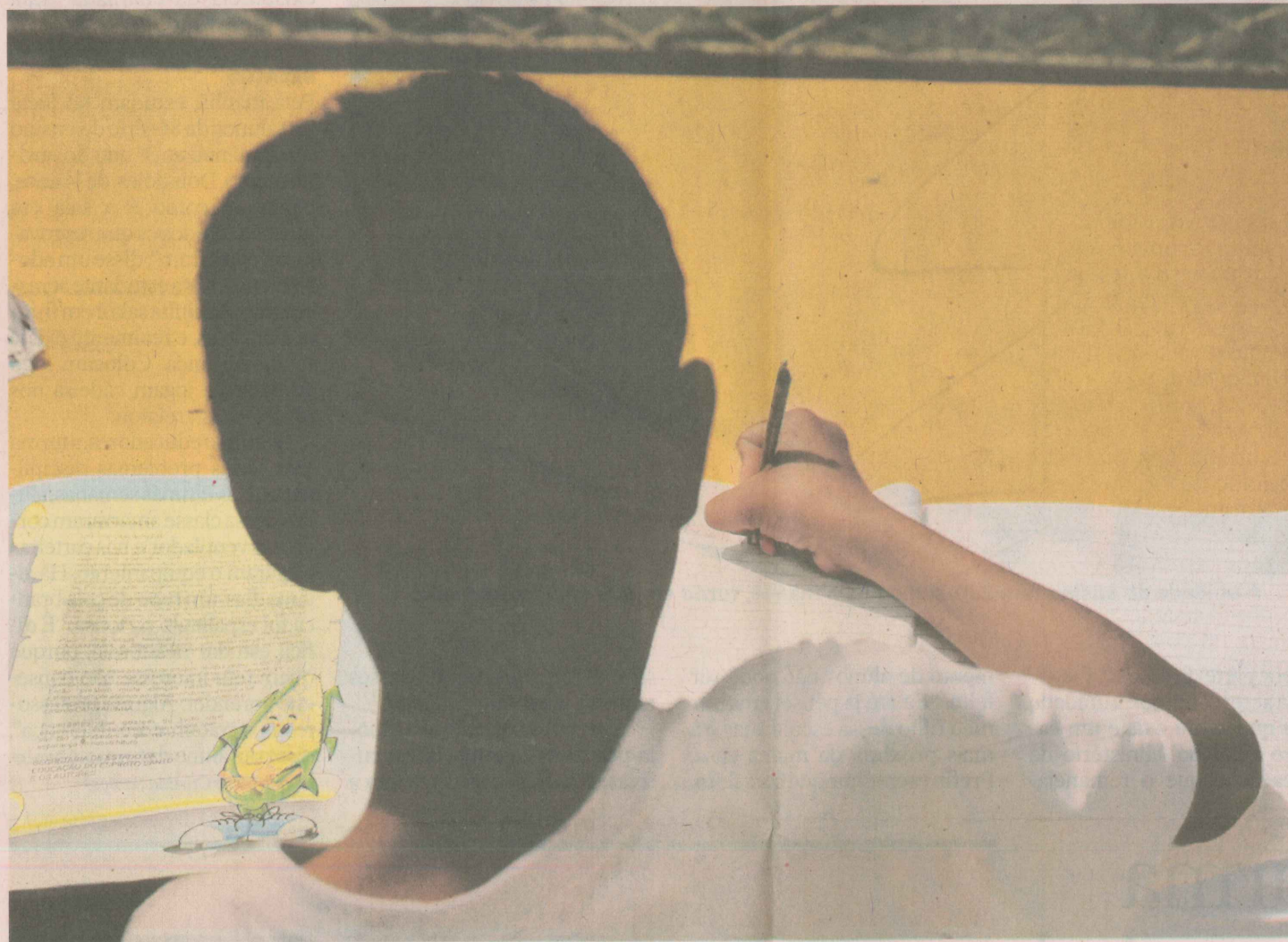
**80% das crianças que chegam a instituições têm pais usuários de drogas**

**ANNY GIACOMIN**  
agiacomin@redegazeta.com.br

O que, a princípio, seria uma esperança, está se tornando mais um capítulo triste na já dramática história de algumas crianças e adolescentes. Depois de serem abandonadas ou retiradas da família por conta do vício dos pais nas drogas - , principalmente em crack - , elas ainda têm de enfrentar a dor da espera por um local decente para viver. Lotados, os abrigos infantis de Vila Velha e de Vitória não comportam mais nem metade da demanda existente.

Em Vila Velha, por exemplo, há vagas para 70 crianças. Mas a demanda é pelo menos duas vezes maior que esse número, e em quase todos os abrigos já moram crianças além da capacidade do local. Por lá e na Serra, pelo menos 80% dessas crianças e adolescentes foram parar nos abrigos porque os pais tinham algum envolvimento com as drogas.

Em Vitória, esse percentual



Nas unidades de acolhimento, histórias se repetem: diante dos maus-tratos, filhos de usuários de drogas têm de deixar suas casas

## Bebês de usuárias têm crise de abstinência

**Crianças, que possuem cor de pele mais amarelada, também ficam sem leite materno**

Até antes de nascerem - ou pouco depois do nascimento - filhos de usuárias de crack sofrem com o vício dos pais. Muitos já vêm ao mundo com crise de abstinência da droga. No Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (Hucam), o Hospital das Clínicas, em Vitória - onde chegam, por semana, pelo menos dois bebês de usuárias de crack - existe até uma gíria para identificar os filhos dessas dependentes químicas: “pardo cor de crack”.

A denominação deve-se ao fato de os recém-nascidos apresentarem a tonalidade da pele mais amarelada, em decorrência do entorpecente.

Em Vitória, esse percentual é de 25,3%, mas, segundo a Secretaria Municipal de Ação Social, pode ser muito maior, já que as crianças que chegam por conta de violência doméstica, muitas vezes, foram agredidas por pais drogados.

#### DENÚNCIAS

A juíza da Vara da Infância e Juventude da Serra, Janete Pantaleão, acredita que a coragem das pessoas de denunciar casos de agressão, abandono e maus-tratos contribuiu para o

**“A gente não tem noção do que vai ser do futuro. Hoje, muitas crianças já nascem violentadas, e os pais não se importam com elas”**

Patricia Neves, juíza da Vara da Infância e Juventude de Vila Velha

aumento do número de casos no município. “Isso quando a gente não tira da família todo um núcleo de irmãos, com quatro, cinco”, lembra.

Nesses casos é ainda mais difícil encontrar um local para que as crianças fiquem juntas. “O ideal é sempre que elas permaneçam juntas para manterem os laços familiares. Mas estamos com tantas dificuldades que algumas vezes temos recorrido a famílias voluntárias ou até mesmo a funcionários para levar essas crianças para casa até que encontremos um abrigo para elas”, explicou a juíza Patrícia Neves, da Vara da Infância e Juventude de Vila Velha.

A solução desse problema, segundo ela, seria uma ação rápida e imediata do poder público. “Se não fizer nada agora, vamos ter gerações perdidas. Mesmo se criassem dez Centros de Atenção Psicossocial, hoje, não resolveria. Está desesperador”, desabafa a juíza.

# Casa-lar: de 17 acolhidos, 16 são vítimas do vício

**Num abrigo em Vila Velha, só uma criança não está no local por conta de problemas dos pais com drogas**

Dos 17 meninos que vivem na Casa Lar Walter de Souza Barcellos, em Itapoã, Vila Velha, apenas um não está no local por conta de problemas dos pais com drogas e álcool. Todos os demais repetem a história de crianças sem família por culpa do vício.

S., de 14 anos, tem quatro irmãos, mas não convive com nenhum deles. O único que morava na casa-lar fugiu do local. O pai morreu “de tiro” quando ele tinha apenas 5 anos. Sua mãe e sua avó foram

**“Minha mãe vivia bêbada e jogada na rua. Não cuidava da gente”**

L., 12 anos, vive em abrigos desde os 8, quando seus pais perderam a guarda dos quatro filhos

presas por tráfico de drogas. Quando vivia com elas, não frequentava a escola e não tinha documentos. Hoje, a mãe de S., portadora do vírus HIV, está internada, e há três anos o menino não a vê. “Sei que ela

está na cadeira de rodas. Mas quando ela se recuperar eu quero voltar a morar com ela. Minha mãe tem muito carinho por mim”, conta S.

Seu colega L., 12 anos, vive em abrigos desde os 8, quando a Justiça tirou dos pais a guarda dos quatro filhos. Dentro de casa, o problema era a bebida.

“Minha mãe viva bêbada e jogada na rua. Não cuidava da gente. A comida era uma lavagem. Meu pai também bebia e batia nela”, lembra.

L. lembra que, nessa época, chegou a andar “com maus elementos”, mas diz que agora seu objetivo é estudar e ser bombeiro. “Também queria voltar a morar com meu pai, que parou de beber, mas acho que não vai dar”, lamenta. (Cida Alves)

pele mais amarelada, em decorrência do entorpecente.

E, para que elas não desenvolvam a dependência das drogas, já não se permite mais que as mães dependentes químicas amamentem seus filhos. “É uma situação dramática, mas, por causa do uso abusivo de álcool e drogas por parte das mães, é extremamente necessária”, diz a juíza da Vara da Infância da Serra, Janete Pantaleão. Outro problema é que a maioria dessas crianças nasce prematura ou com problemas de saúde.

#### FORA DE CASA

**200**  
crianças

— É a quantidade aproximada de crianças e adolescentes que estão em abrigos de Vitória e Vila Velha, hoje. Os pais da maioria delas têm envolvimento com drogas.